

“Uma Visão do Livro e da Arte da Prática Médica, inspirada em algumas viagens e em citações que me levaram a refletir”

Como penso que todas as pessoas que já me conhecem poderão facilmente constatar, assim como as que venham a ler este livro que está agora a terminar de ser apresentado, cultivo outros interesses para além da Medicina, entendida apenas em sentido estrito. De entre eles, tal como o título que decidi dar a este texto sugere, a pintura é um dos meus campos de deleite preferidos e por isso ilustro sempre os livros que tenho editado com algumas obras que entendo ser apropriadas, tal como acontece neste também. Não enquanto executante, como a minha querida netinha Alice, que certamente não foi de mim que herdou a sua promissora inspiração, como aqui fica bem ilustrado, mas enquanto apreciador da estética, sobretudo naquilo que se relaciona com a história da medicina e a patobiografia dos respetivos criadores. Para além disso, também cultivo com imenso prazer a tentativa de descodificar o que está por vezes apenas implícito, no que se denomina genericamente por citações, como o ênfase desde o meu primeiro livro, “Ode ou Requiem”, tentando encaixá-las no que pretendo transmitir. daquelas que vou retirando da leitura de textos ou de livros de outros autores, das que me deparo por mera casualidade, tal como das que consulto propositadamente. É sobretudo inspirado neste último aspeto que decidi arquitetar o que vos irei transmitir de seguida.

Michel de Montaigne, filósofo e magistrado francês do século XVI deixou dito que “a palavra é metade de quem a pronuncia e metade de quem a ouve”, o que evidencia a noção que cada um interpreta o texto de outrem que lê ou que ouve ler, pelo filtro da sua identidade pessoal, que é própria de cada indivíduo, e, em si mesma, amíu-de, irrepetível, por também depender das circunstâncias que o rodeiam. Apesar de considerar que esta é uma verdade insofismável, este meu livro pretende não deixar dúvidas no espírito de ninguém que estou firmemente convicto que se não se inverter atempadamente o curso de degradação notória na prestação de cuidados de saúde no nosso país, que se iniciou há várias décadas, estes deixarão a breve trecho de estar disponíveis de forma adequada e generalizada aos cidadãos em todas as circunstâncias, como já acontece com frequência crescente, desprovidos que estarão da qualidade necessária e do tempo útil para a sua execução, de forma a não deixar ninguém de fora, como se prevê na Constituição da República que está em vigor.

Pode haver quem tenha outra perspetiva, mas aquilo que fui escrevendo ao longo das três últimas décadas e que agora decidi coletar neste livro, para além do muito que escrevi de novo, evidenciam que esta minha genuína perceção, que sei ser partilhada por muitos, desde colegas a doentes, se baseia naquilo que vivenciei por dentro, sobretudo no SNS, embora também do sistema privado, o que explica o título que decidi dar à obra, onde refiro Sistema de Saúde e não apenas Serviço Nacional de Saúde, uma vez que entendo que a crise é global e não apenas setorial.

Amin Maalouf, um escritor franco-libanês contemporâneo, Prémio Goncourt em 1993 e que muito aprecio, afirmou que “nunca hesites em ir cada vez mais longe para além de todos os mares, de todas as fronteiras, de todos os países, de todas as crenças”. Eu sigo há muito este salutar conselho. Na última viagem que fiz com a Ana e os meus netos em agosto deste ano, acompanhados pelos seus pais, parcialmente decalcada da que já tinha antes efetuado quando os meus filhos tinham idênticas idades e a fizeram connosco, visitámos os parques naturais de montanha na Califórnia dos EUA. Confesso que voltei a ficar extasiado com a esmagadora imponência das sequoias gigantes, nada menos do que os maiores seres vivos existentes no nosso planeta, pesando o equivalente a várias baleias azuis, como observamos no Yosemite Park, local onde celebrámos a condizer o 40º aniversário da Joana, a minha filha mais velha.

Durante as muitas horas que estivemos a circular dentro do carro que tinha alugado na cidade de S. Francisco, para além de ouvirmos a música que selecionei para este efeito, disse ao meu neto Simão que “viajar é tanto divertimento quanto ensinamento”. E esclareci que para concretizar esse importante desiderato, muito mais importante para a formação de uma verdadeira consciência cívica do que estar a olhar solitariamente para o ecrã do telemóvel, do *IPAD*, do computador ou de uma televisão, é falarmos em conjunto da vida e estarmos bem atentos ao que aquele majestoso pedaço da Natureza nos é capaz de interpelar a cada instante que o contemplarmos. Aprendemos, por exemplo, num dos museus que visitamos, que aquelas árvores, para lançarem com êxito as suas sementes no solo, de modo que as mesmas germinem, dando origem a novos espécimes, necessitam do fogo.

Esclareça-se que, dos que a Natureza volta e meia sempre desencadeou de forma espontânea, mas não dos que a mão criminosa do bicho homem provoca por mera loucura, indesculpável incúria, ou, ainda pior, dos que faz acontecer propositadamente com torpes intuítos obscuros, quer dos próprios, quer a mando de secretos malfeitores. Tentei fazer-lhe ver que o chocante contraste entre a luxuriante vegetação e a imensidão das áreas ardidadas, jamais o observara aquando da primeira viagem, e que, portanto, a Humanidade e cada um de nós, tem de ter a inalienável responsabilidade de não permitir que se dê cabo, apenas em escassas horas, do património natural que levou muitas dezenas de anos a erigir por parte da Mãe-Natureza. Mal poderia sequer imaginar então a dantesca tragédia por que a Ilha da Madeira e Portugal Continental iriam passar daí a escassos dias também.

Num dos jantares realizados ao ar livre num alojamento situado à entrada do Sequoia & King’s Canyon National Park, à irmã mais velha dos meus netos, a Mafalda, contei várias histórias que nunca antes passei a escrito, a pretexto de esclarecer aquela minha pretensa futura colega e namorada do atual melhor aluno da Faculdade de Medicina da Universidade Clássica de Lisboa, que há um aspeto pouco falado da atividade clínica, mas que senti amargamente na pele ao longo de muitos anos, que verdadeiramente nunca desapareceu totalmente, se é que algum dia tal irá acontecer, que é o da discriminação que a sociedade em geral faz incidir indiretamente sobre os médicos que tratam doentes com patologias estigmatizantes. Algo que remonta à Idade Média e sobre o que importa muito refletir, mas que nunca me fez sequer pensar em hesitar um segundo em fazer aquilo que se impunha em cada momento pelos meus doentes, quer enquanto clínico, quer enquanto Diretor de Serviço, no hospital ou no consultório privado.

Senti, com agrado, que o espírito de saber colocar o interesse do outro acima do nosso em certas circunstâncias, bem expresso nos juramentos de Hipócrates, de Maimónides ou do português Amato Lusitano, não a atemorizou, o que poderá ser um excelente augúrio de que possa concretizar com êxito os seus naturais anseios quanto ao seu futuro profissional. É que para se ser médico a sério, tão importante como saber muita teoria médica e de se ser exímio no manejo dos apelativos meios tecnológicos que hoje nos invadem no dia a dia, é ter bom senso e saber respeitar a ética no relacionamento humano, como abundantemente tenho escrito e dito em numerosas palestras.

Que enorme contraste senti entre o ambiente vivido nestes dias amenos passados em família, relativamente ao que me deparei depois, já só com a Ana, ao termos literalmente mergulhado na insólita cidade de Las Vegas, onde jamais estivera. Aquilo que pensei poder melhor defini-la, ocorreu-me dizê-lo de forma espontânea a uma grande amigo de infância, casado com uma enfermeira norte-americana que residem alternadamente num dos dois países, a quem telefonei diariamente para me inteirar da sua situação clínica, como o faço com frequência, mesmo em férias a outros doentes, dado que tinha sido submetido entretanto a uma delicada cirurgia: “É o local deste Mundo insano, onde toda a gente gasta o

dinheiro que não tem a comprar o que não necessita,” num esbanjamento obsceno de recursos de toda a índole, como se estes fossem infindáveis. Cidade onde só se cultiva a miragem quimérica do dinheiro proveniente do jogo, como se não estivéssemos rodeados de fratricidas guerras e de tão destrutivas catástrofes naturais, como as que ocorreram recentemente na Flórida e em Valência.

Nela o belo e o horrível conjugam-se numa estranha síntese de circunstâncias absurdas, de que é exemplo ilustrativo a existência do denominado “Museu do Néon” que só abre às 16.00h, logo em plena luz do dia, mas que, por estar localizado no exterior, ninguém consegue distinguir bem os que têm as luzes apagadas dos que as têm a catrapiscar. Ou ainda, o facto de estar rodeada por dois supostos enormes lagos, como se visualizava em diversos mapas, mas desde há algum tempo completamente secos, o que não impede que em certas áreas existam plantações verdejantes que alternam com as ainda maiores extensões quase desérticas, o que só é possível pela utilização maciça da água do Rio Colorado.

Este inacreditável contraste, fez-me voltar a pensar muito no futuro da Humanidade, tal como já me tinha acontecido, embora por motivos bem diversos, quando fui emocionalmente esmagado pelo insuportável ambiente dos campos de concentração nazi que visitei na Polónia há alguns anos com a Ana, noutra período de férias. É que, também nestes tempos de má memória, existiam pessoas a tirarem dividendos da desgraça alheia e a fingirem que é possível viver num Mundo supostamente paralelo, onde o que importa é a notoriedade e a riqueza material obtidas a qualquer preço, bem como o seguimento cego da mais abjeta intolerância perante o outro diferente de nós, o que implica romper com todas as normas intemporais da ética civilizacional.

Não é por mero acaso que o Governo daquele grande país, decidiu mandar erigir naquela cidade o excelente “Museu Nacional do Crime Organizado”, o *MOB Museum*, local onde é possível contactar com o pior que o Homem é capaz de fazer ao seu semelhante, apenas por ganância, por sede de poder, ou como torpe antecipação ao que tem receio que lhe venham a fazer a si, numa obscena e incessante sede de vingança não raramente gratuita. Não obstante, confesso que os espetáculos musicais de tributo a Johnny Cash e a Elvis Presley, bem como as visitas ao majestoso Grand Canyon, à Cidade-Fantasma de Calico, ou aos Museus da Route 66 e da Realidade Ilusória, atenuaram grandemente o sentimento de incomodidade que nos invadiu a cada instante.

Fiodor Dostoevsky, um grande escritor e jornalista russo, num assomo de idealismo quase onírico, fez a seguinte afirmação: “A beleza irá salvar o Mundo”. Em dois dos textos no final deste livro, abordo a questão da guerra no Médio Oriente, tal como o fiz no que publiquei há cerca de um ano, intitulado “Despedidas que jamais esquecerei”, relativamente ao conflito que ainda aflige presentemente os povos ucraniano e russo, tragédia perante a qual organizei uma vigília ecuménica em Palmela, logo após a deflagração desse fratricida conflito bélico. Sendo um interessado por estas questões, enquanto cidadão preocupado com o futuro da Humanidade, atrevi-me, à semelhança do que fez aquele génio das letras, ao deslocar-se anualmente para se inspirar na contemplação da enorme beleza que atribuíra à tela de Rafael, “Madona Sistina”, salva do bombardeamento que destruiu completamente a cidade alemã de Dresden no final da II Guerra Mundial, em circunstâncias ainda não completamente esclarecidas, a desejar que no mais recente conflito entre esses dois povos irmãos, judeu e palestino, como os estudos genéticos o confirmam, em feroz contenda há décadas, das bombas deitadas em Gaza, em vez de explosivos, brotassem flores, à semelhança da Nossa Revolução dos Cravos, e que em vez de se ouvirem os estampidos das balas a saírem das metralhadoras, se escutasse antes o magnífico som da West and Eastern Divan Orchestra dirigida por Daniel Barenboim, um judeu argentino. Agrupamento musical que

é composto por músicos israelitas, palestinos e de outros países árabes limítrofes, que tocam em uníssono com um sentimento de sã fraternidade, e que teve como seus mentores este mesmo maestro e pianista, e Eduard Said, um cristão palestino, docente universitário de literatura na Universidade de Columbia nos EUA, que infelizmente nos deixou órfãos em 2003. Talvez que isso contribuísse para tornar realidade o desejo expresso por Dostoievski há mais de um século, pois estou crente que enquanto à violência se responder sempre e só da mesma moeda, numa atitude vingativa de “olho por olho”, jamais haverá Paz ali ou em qualquer outra parte deste tresloucado Mundo que habitamos. Quão mais saudável para todos não seria conseguir concretizar o que o grande Chales Chaplin nos quis transmitir ao dizer lapidariamente: “Creio no riso e nas lágrimas como antídoto contra o ódio e o terror”.

Num texto muito recentemente publicado, Simon Sebag Montefiori, um judeu israelita, nada menos do que a maior autoridade reconhecida da história da Cidade Santa de Jerusalém, que visitei antes da eclosão da pandemia de COVID-19, e sobre a qual publicou um livro que é uma verdadeira referência para todos os estudiosos, afirmou recentemente algo em que me revejo plenamente: “No entanto, no meio da paisagem infernal do massacre, da raiva e da dor de hoje, do assassinio de civis, da névoa vermelha da guerra e do perigo iminente de um conflito regional mais vasto, da escuridão deste pesadelo para ambos os povos, tem de surgir a aurora. As soluções de curto prazo podem ser militares, mas as de longo prazo são políticas. É por isso que, por mais difícil que seja, por mais fortificadas que sejam as posições dos maximalistas israelitas e palestinos, existe uma oportunidade tortuosa e emaranhada. Demónios, assassinos e pirómanos saqueiam os dois lados. Caberá aos corajosos, aos moderados e aos heroicos encontrar esse caminho. Para que as duas nações vivam uma ao lado da outra sem violência. O amor não é necessário, nem neste caso provável, nem, para muitos, o perdão ou a amizade, mas apenas reconhecimento, aceitação e paz. É possível. É essencial. É inevitável. Um dia”.

Estou certo de que o meu amigo Paul Alan-Smith, que conheci há mais de quatro décadas, numa carruagem do comboio que ligava Budapeste a Viena de Áustria, que já me visitou várias vezes, tal como eu the retribuí outras tantas, a primeira das quais aquando da viagem que fiz com os meus filhos à Califórnia, como refiro logo no introito deste livro e neste discurso, é um judeu americano não fundamentalista. Tal condição não obsteu que me mostrasse com todo o natural orgulho um estojo onde guarda religiosamente a tesoura com que os membros masculinos da sua família são circuncidados tal como de me ter estendido dois cálices de cristal de idêntica origem, para brindarmos o nosso reencontro com quase uma década de intervalo, pouco tempo depois de ali chegarmos na primeira visita a terras do Tio Sam, no intuito de o celebrarmos amistosamente com um vinho Alvarinho que eu comprara no aeroporto, concordaria perfeitamente com esta posição.

Aquando da minha última passagem, há cerca de três meses, pela cidade de Los Angeles em que lhe tentei telefonar de véspera, no intuito de combinarmos um possível reencontro, soube, através de num *email* que me remeteu pouco tempo depois, que há quatro anos tinha decidido mudar a sua residência para o extremo oriente, tendo deixado a sua firma ligada à indústria do espetáculo, para se transformar num militante das causas ambientais. É que ao longo destes anos, volta e meia, mandava-me um convite para eu ir assistir aos debates multiculturais e inter-religiosos que ciclicamente organizava, fazendo questão de me informar que receava poder vir a ter problemas com essas ecuménicas iniciativas. Às quais, naturalmente, nunca compareci, porque Beverly Hills não fica ali ao virar da esquina, respondia invariavelmente com muita pena, é certo. Contudo, disse-lhe que, apesar deste livro e deste discurso não serem em inglês tal como os anteriores, lhe remeteria os respetivos *pdfs*, como nunca deixei de fazer com os restantes, o que sempre genuinamente me agradeceu.

Leonardo da Vinci, o maior gênio do Renascimento Italiano, deixou dito que “todo o nosso conhecimento tem origem nas nossas percepções”. O que para mim se constitui em algo que tem uma perene atualidade, dado que é suscetível de se aplicar, tanto ao domínio da criação artística, como ao da ciência, não fosse ele um exímio cultor de ambas, como é unanimemente reconhecido. Se, como já defini em anteriores publicações, considero que a Medicina é uma arte que se apoia nas ciências básicas, sem ser propriamente ciência na verdadeira acessão do termo, facilmente concluiremos que essa preposição se aplica plenamente ao exercício da atividade clínica.

Como se pode conceber ser-se indiferente ao sofrimento, à perda da autonomia funcional ou à precariedade do substrato social ou familiar de um qualquer doente, prescindindo de indexar essas condicionantes nas propostas da marcha diagnóstica ou na escolha do tratamento mais adequado às circunstâncias e à pessoa em concreto? É que exercer a Medicina de uma forma holística, implica um relacionamento entre a pessoa do médico e a do doente, e tal não pode ter uma cabal concretização sem que um não entenda verdadeiramente o que é vestir a pele do outro, por não se poder levar a cabo sem um espírito de cumplicidade que leve ambos os intervenientes a se sentirem emocionalmente comprometidos e realizados nesse tão singular encontro, onde a tecnologia deve fazer parte como meio, mas nunca como fim em si mesmo.

Devo neste momento afirmar, como o fiz no texto de índole ética ao qual coloquei o nome de “O Fosso” e que integra este livro, que dei um modesto contributo para a realização do livro que aqui foi primeiro apresentado, da autoria do meu querido colega e amigo Rogério Palma Rodrigues, onde tive a honra de ser convidado a escrever o seu posfácio. Considero que este importantíssimo documento tem algo que, para além dos aspetos informativos de caráter histórico e clínico, deixa transparecer uma mensagem subliminar de profundo humanismo, onde por trás da descrição pormenorizada dos aspetos técnicos das imagens de segmentos do corpo humano, capta-se a sua cumplicidade para com o sofrimento dos doentes ali retratados, como seria de antecipar por quem o conhece pessoalmente. É isso que distingue um Médico de um mero licenciado em Medicina, tenha ele a especialização e a competência que tiver. Por este conjunto de razões, ele foi um dos colegas que associei com todo o gosto a alguns dos projetos que a seguir discriminarei e que pretendo levar a cabo proximamente.

Victor Hugo, um dos escritores franceses mais conceituados do século XIX, que está sepultado no Panteão Nacional situado na cidade capital daquela país, denominada de “das luzes”, afirmou lapidariamente que “saber exatamente qual a parte do futuro que pode ser introduzida no presente é o segredo de um bom governo”, o que penso poder resumir de uma forma bastante bem conseguida as causas da crescente dificuldade em levar a cabo boas políticas, capazes de corresponder aos justos anseios dos cidadãos e das comunidades. Como denunciei em inúmeras “Cartas Abertas” que enderecei aos sucessivos responsáveis políticos dos diversos governos, que integram este livro, faltou-lhes a capacidade de antecipar cenários que permitissem evitar a derrocada na resposta efetiva que era de prever poder vir a acontecer daí a alguns anos.

É que a estratégia implantada é cada vez mais, a de acudir prioritariamente ao que a comunicação social vai denunciando de forma bombástica, em vez de se optar por políticas ponderadas e consensuais, embora necessariamente decididas, que permitissem fazer face de forma conseqüente aos problemas a mais longo prazo. É assim na Saúde, na Educação, na Justiça e na Defesa, ou seja, nas áreas de intervenção social e de soberania por excelência, o que se corporiza numa preocupante realidade que, por si só,

deveria fazer qualquer Governo decente procurar implementar com determinação e celeridade planos exequíveis de cabal resposta.

Não se ter sido capaz de antecipar os mais que nefastos efeitos da não renovação geracional, da imigração maciça de jovens licenciados em fuga da política de baixos salários ou da perspectiva de uma inevitável quase escravização que a cada vez mais costumeira vida do duplo e de triplo emprego iriam certamente trazer, do gritante desinvestimento na remodelação de instalações do setor público, há muito grotescamente degradadas, tal como na atualização cadenciada dos seus meios tecnológicos disponíveis, produziu os efeitos que estão à vista de todos. Em particular, no HSB / CHS, agora ULS Arrábida, instituição à qual devotei toda a minha energia, enquanto médico e Diretor de Serviço durante cerca de quarenta anos, como abundantemente aqui o demonstro, denúncia pública na qual quase sempre fui acompanhado pela grande maioria dos meus colegas, alguns aqui presentes, cumplicidade e coragem que aqui quero deixar realçadas com sincera gratidão.

Devo acrescentar que no livro, para além das denúncias fundamentadas e de justificadas críticas, não deixei de fazer também reiteradas propostas de solução, tal como escrevi à atual Ministra da Saúde na dedicatória que lhe fiz, ao oferecer-lho, na esperança renovada que tenho acalentado sempre quando cada novo governo toma posse. Uma das medidas estruturais que me parece cada vez mais evidente e que o afirmo desde o meu livro “Reflexões em tempos de Pandemia”, e que neste reitero, é que os dois SNSs (O Serviço Nacional de Saúde e o Sistema Nacional de Saúde), têm de passar a ser um só, através da instituição de um obrigatório Seguro Público de Saúde de abrangência universal. Que alguma utilidade elas possam eventualmente ter, numa derradeira tentativa de contribuir para a não concretização daquilo que temo estar iminente.

Ernest Hemingway, um escritor norte americano, Prémio Nobel da Literatura em 1954, que viveu na pele a tragédia da Guerra Civil de Espanha e tal deixou gravado para a posteridade no incontornável romance, “Por quem os sinos doam”, sentenciou que “um homem pode ser destruído, mas não derrotado”. Neste livro, deixo abundante testemunho em como, no que concerne aos recursos humanos, que no fundo são os mais importantes de todos numa atividade como a do exercício da Medicina, o enorme desrespeito com que os profissionais têm sido tratados pelos sucessivos governos, levou a uma perda de confiança no sistema, nos governantes e nas suas opções políticas, pelo que não admira que cada vez mais seja difícil de reconquistar, o que gerou uma lógica atitude por parte de um número crescente dos mesmos, muito bem caracterizada pelo vulgar adágio popular do “salve-se quem puder”, que faz com que, cada vez mais procurem trabalhar onde pensam poder vir a auferir de melhores condições remuneratórias e de exercício profissional, sobretudo no sistema privado ou na emigração, em detrimento das instituições públicas nacionais, o que explica em grande parte as disfuncionalidades e os constrangimentos que acontecem diariamente, algo que poderia ter sido evitado se tivesse havido verdadeiro sentido de estado nas políticas governativas.

Ainda por cima, quando alguns dos responsáveis hierárquicos tentam grotescamente recriar e espezinhar quem se recusa, como sempre o fiz, a vestir a pele de um diligente “manga de alpaca” ou de um repugnante e acrítico *yes man*, o que me levou a optar por preferir o prejuízo avultado nos proventos mensais da pensão de reforma que me atribuíram, inerente ao facto de ter decidido antecipar voluntariamente a data de aposentação, como forma de salvaguardar a minha dignidade, uma vez que convictamente recusei pactuar com a despótica decisão do CA então em funções, de me vedar a hipótese de fazer uma conferência no HSB/CHS acerca da “Viabilidade do SNS” para que tinha sido convidado pela

FSNS, onde explicitarei a minha visão acerca desta problemática, algo que terá sido avaliado como suficientemente “incómodo” pela visão castradora do seu Presidente. Ainda por cima, porque o mesmo já se tinha atrevido antes a fazer algo idêntico à Ana, a minha esposa e colega, ao extinguir a “Consulta de Terapia Familiar” por si fundada e que fazia há mais de uma década, como oportunamente denunciei superiormente.

Por isto clamo com um misto de profunda tristeza e de redobrado orgulho, que a enfermaria de quartos de isolamento respiratório deste mesmo Hospital, resultado de uma candidatura a um Programa de Financiamento Comunitário que liderei, de que a placa colocada no átrio de entrada é um indesmentível vestígio, nunca foi inaugurada oficialmente por nenhum membro de qualquer governo, certamente por todos me considerarem “*persona non grata*”, por ter tido sempre aquela postura, como aqui mais uma vez afirmo.

Já falei do livro a propósito de muitas recordações de viagens e de citações. Deixem-me dizer ainda algo acerca do seu autor. Evoco a propósito Jean Jaurés, um político e jornalista francês que deixou escrito que “não se ensina aquilo que se quer; ensina-se e só se pode ensinar aquilo que se é”. Sou Médico por vocação, Internista por paixão (daí os colegas que convidei para o Livro e para as duas cerimónias da sua apresentação) e Infeciologista por Espírito de Missão. Só falo de mim nos meus livros a partir do relato das histórias que conto e em que participei, no intuito de daí retirar alguma conclusão que ilustre melhor o que pretendo transmitir aos leitores, como o estou a fazer neste discurso. Ou seja, tal e qual como afirmou Hélder Macedo, um ensaísta português, docente de literatura portuguesa no Kings College de Londres: “Este livro não é sobre mim mas a partir de mim”. Por tal, confesso que não sou de me furtar a refletir e a opinar acerca do conjunto de valores que defendo e que julgo deveram fazer parte de um património coletivo inestimável que deverá servir para uma saudável transmissão intergeracional. Deixo depois aos outros, designadamente a vós, todas as outras classificações e julgamentos que entenderam por bem fazer acerca do livro ou do seu autor. Apenas me preocupo, todos os dias, em não os atraíçoar, dormindo à noite ou a sesta, sempre com a consciência do dever cumprido.

Françoise Sagan, uma muito controversa escritora francesa, falecida já neste século, declarou provocatoriamente: “O meu passatempo favorito é deixar passar o tempo, ter tempo, aproveitar o meu tempo, perder o tempo, viver a contratempo”. Não querendo vestir a sua pele de tão assumida diletante personalidade, postura que a conduziu a um final de vida bem trágico que de todo não invejo, tenho invariavelmente respondido a quem me pergunta o que é que vou fazer depois de me reformar: “Saborear tanto quanto possível, e pelo tempo que tal for fazível, do maior luxo que alguém pode ter, ou seja, ser dono do meu tempo e das minhas iniciativas”.

A que acrescento que, não é para não fazer nada, já que médico serei sempre, exercer clínica está nos meus planos por algum tempo mais, uma vez que a minha realização enquanto médico passa pela concretização simultânea de duas condições: O relacionamento humano com a pessoa doente e o exercício intelectualmente aliciante e de incomparável beleza estética do diagnóstico diferencial. Mas, sobretudo, para me dedicar a outros projetos, alguns dos quais me poderão possibilitar exercitar o espírito de cidadania de uma outra forma e com outro ritmo de realização, como por exemplo, continuar a escrever livros sobre diversos assuntos (o próximo já tem título e esqueleto, indo ser mais pequeno do que este, embora só o tencione acabar daqui a um bom par de meses), erigir alguns Museus, um dos quais sobre uma temática algo complementar à que há pouco abordei, indo ter o título “As pestes e a intolerância religiosa”, tal como concretizar um projeto de mecenato cultural, como forma de concretizar

aquilo que Hannah Arendt, uma filósofa judia alemã refugiada nos EUA quis expressar quando deixou dito de forma lapidar para a posteridade: “O declínio da empatia humana é um dos primeiros e mais reveladores sinais de uma cultura prestes a cair na barbárie”. Estes últimos, contudo, estão ainda numa fase embrionária. E também, porque isso me é vital, ter mais tempo para a família e para os amigos.

A terminar, encerraria com uma citação de uma das personalidades que mais admiro, Mahatma Gandhi, um advogado, estadista e pacifista indiano, cujos enormes atributos emocionais e intelectuais não o deixaram ficar, nem intimidado, nem convencido com a vil retórica de Hitler, tal como consta da correspondência que ambos trocaram e que vi parcialmente exposta numa das vitrinas de um Museu de Bombaim a ele dedicado: “Vive como se fosses morrer amanhã. Aprende como se fosses viver para sempre”. O que nos deve fazer recordar com a necessária humildade a nossa condição de simples seres mortais, onde o nosso estado de saúde de hoje, poderá não ser o de amanhã, razão suficiente para que nos saibamos entregar genuinamente às causas úteis da comunidade a vida inteira, como se fossemos sempre não mais do que simples aprendizes.

Escolhi-a assim para culminar o derradeiro discurso desta cerimónia, tal como o fiz aquando do anterior livro, “As Despedidas que Jamais Esquecerei”, porque tal como aconteceu nas vésperas do o terminar de escrever, voltei a confrontar-me com a dúvida de poder ter algo de grave no que concerne ao meu estado de saúde, ao ponto de ter deixado suspensa a hipótese de ir fazer as férias que tinha dito há alguns anos aos meus filhos que gostava de fazê-las de novo, acompanhado desta vez também com os netos, a quem com ternura o dedico, até cerca de uma semana antes da partida. Encarei de novo com frontalidade esta dúvida, procurando de seguida a pronta ajuda de colegas, alguns deles aqui presentes. Quis a coincidência que, pela segunda vez, o fundado temor não se concretizasse. Agradeço por isso aos colegas Bruno Graça, Paulino Pereira, Daniel Batista e Amaral Canelas o apoio que deles recebi.

Este texto, como tudo o que escrevo, foi feito ao som de música. Desta vez de um concerto de cítara do genial instrumentista indiano Ravi Shankar, CD que comprei em Bombaim. Músico que se tornou mundialmente famoso por ter participado, a convite do britânico, ex-Beatle, George Harrison, naquele que foi o primeiro concerto filantrópico realizado em todo o Mundo, para ajudar a acudir à situação de calamidade alimentar de um povo: O célebre *Concert for Bangladesh*. O que me fez recordar, como já o referi antes, que a Humanidade vive há muito de tragédias para as quais nos devemos saber mobilizar, porque a verdade que é necessário clamar bem alto é que só existe uma única raça humana.

Gostava assim, simbolicamente, de entregar o texto deste discurso a um grande amigo meu e também amante da música e da pintura que, tendo tido idêntica situação clínica à que me acometeu, não teve, contudo, a sorte que me bafejou. Este gesto tem por objetivo fazê-lo acreditar que é possível ter esperança e que a sua vida ainda poderá ser longa e com qualidade. Porque há ainda algumas viagens para fazermos em conjunto, tal como para assistirmos a concertos musicais e para visitarmos museus, como o fizemos há cerca de 30 anos com os nossos filhos por essa Europa fora, e, também, em abril deste ano, a Madrid, uma vez que saber incutir ao nosso semelhante este tipo de estado de espírito positivo perante as adversidades da vida, é uma obrigação ética, tando dos amigos, como dos médicos. A que acrescentaria, dos escritores também. Com idêntico propósito endereço ao meu querido irmão um terno abraço, tão sentido como os que descrevo no início deste livro e que envolveram o nosso saudoso pai, os meus filhos e até um desconhecido também.

Em consonância, expresso três singelos desejos “apenas”: Que o Mundo possa vir a viver finalmente em Paz; que a CMS me (nos) ajude a concretizar o objetivo de colocar esta linda cidade na rota do turismo cultural; que o SNS se salve. Espero ter dado um contributo útil a estas nobres causas. Que os dirigentes políticos tenham a necessária coragem e a lucidez suficiente para torná-las realidade.

Muito-obrigado aos que aqui se deslocaram para assistirem às duas cerimónias, à Casa Ermelinda de Freitas, à OM, à CMS, à Editora ByTheBook e a todos os membros das mesas, em especial ao meu colega

e amigo Rogério Palma Rodrigues que sei ter entre mãos um projeto de outro importante livro para apresentar. Que a inspiração nunca lhe falte.

Setúbal, 2024/11/03; Porto 2024/11/08, **José MD Poças**
